



SEÇÃO: DOSSIÊ IMPRENSA, CULTURA E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS

## **Revista Tipográfica (1888-1890): identidade profissional e condições técnicas nas oficinas tipográficas do Rio de Janeiro**

*Revista Tipográfica (1888-1890): professional identity and technical conditions in typographic workshops in Rio de Janeiro*

*Revista Tipográfica (1888-1890): identidad profesional y condiciones técnicas en los talleres tipográficos de Rio de Janeiro*

**Tania Regina de Luca<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8942-5237](https://orcid.org/0000-0002-8942-5237)

[tanai.luca@unesp.br](mailto:tanai.luca@unesp.br)

**Recebido em:** 1 jul. 2019.

**Aprovado em:** 16 jan. 2020.

**Publicado em:** 25 ago. 2020.

**Resumo:** Os tipógrafos, pela própria natureza da sua atividade, que pressupunha o domínio da leitura, da escrita e do processo de produção de impressos, estiveram entre as categorias mais ativas no lançamento de títulos destinados a tratar de questões específicas do seu ofício, além de participarem, fosse como responsáveis e/ou colaboradores de periódicos que extrapolavam o âmbito das oficinas gráficas e abordavam questões relativas à condição do trabalhador assalariado. Assim, em diferentes latitudes, essa categoria esteve entre as primeiras a organizar-se em associações e a valer-se da imprensa para publicizar suas demandas e leituras de mundo. Nesse artigo, o foco recai sobre a *Revista Tipográfica*, que circulou no Rio de Janeiro entre 1888 e 1890. Além de inserir a publicação em perspectiva histórica e fornecer um panorama de suas características, trajetória e responsáveis, objetiva-se evidenciar a percepção que os tipógrafos tinham de sua profissão, de que forma se autorrepresentavam e como avaliavam o estágio da arte tipográfica no Brasil, isso em um momento em que publicações mais sofisticadas, do ponto de vista da impressão e das imagens, como *A Ilustração* (Paris, 1884-1892), tinham que ser produzidas além das fronteiras nacionais.

**Palavras-chave:** *Revista Tipográfica*. Luiz da França e Silva. Identidade. Ser tipógrafo. *A Ilustração*.

**Abstract:** The typographers, by the very nature of their activity, which presupposed the mastery of reading, writing and of the process of production of printed matters, were among the most active professional in the launching of publications, whether as managers or collaborators. Their periodicals were designed to deal with specific issues of their occupation, but there were also those that extrapolated the problems related to the graphic workshops and discussed the conditions of workers in general. Thus, in different latitudes, these typographers were among the first ones to organize themselves into associations and to articulated their demands and criticize social order. In this article, we focus on *Revista Tipográfica*, which circulated in Rio de Janeiro between 1888 and 1890. We will analyse the publication from a historical perspective, when providing an overview of its organizers, characteristics and trajectory. It is important to highlight the perception that the typographers had towards their profession, their own representation and the current standard of typographic art in Brazil. During the period that the magazine circulated, the more sophisticated publications, with regard to the physical quality such as *A Ilustração* (Paris, 1884-1892), had to be produced beyond national borders.

**Keywords:** *Revista Tipográfica*. Luiz da França e Silva. Identity. To be a typographer. *A Ilustração*.

**Resumen:** Los tipógrafos, por la propia naturaleza de su actividad, que suponía el dominio de la lectura, de la escritura y del proceso de producción de impresos, estuvieron entre las categorías más activas en el lanzamiento de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, SP, Brasil.

titulos destinados a tratar cuestiones específicas de su oficio, además de participar, como responsables y/o colaboradores, de periódicos que extrapolaban el ámbito de los talleres gráficos y abordaban cuestiones relativas a la condición del trabajador asalariado. Así, en diferentes latitudes, esa categoría estuvo entre las primeras a organizarse en asociaciones y a valerse de la prensa para publicitar sus demandas y lecturas de mundo. En este artículo, el foco recae sobre la *Revista Tipográfica*, que circuló en Rio de Janeiro entre 1888 y 1890. Además de insertar la publicación en perspectiva histórica y proporcionar un panorama de sus características, trayectoria y responsables, se objetiva evidenciar la percepción que los y en el caso de las imprentas, las tipografías tenían de su profesión, de qué forma se autorrepresentaban y cómo evalúan el estado del arte tipográfico en Brasil, en un momento en que publicaciones más sofisticadas, desde el punto de vista de la impresión y de las imágenes, como *La Ilustración* (París, 1884-1892), tenían que ser producidas más allá de las fronteras nacionales.

**Palavras claves:** *Revista Tipográfica*. Luiz da França e Silva. Identidad. Ser tipógrafo. *A Ilustração*.

## Introdução

A chegada tardia da imprensa no Brasil não deixa de contrastar com a ativa presença dos tipógrafos<sup>2</sup> no espaço público já nos anos 1850, tanto que data de dezembro de 1853 a fundação da Associação Tipográfica Fluminense, em 1856 agraciada com a denominação de Imperial,<sup>3</sup> e que em agosto desse mesmo ano lançou *O Eco da Imprensa*. Jornal artístico, literário e recreativo, do qual se conhecem dez exemplares.<sup>4</sup> Em janeiro de 1858, atestando a capacidade de articulação desses trabalhadores, os compositores de três dos principais jornais da Corte entraram em greve e lançaram, com apoio da Associação, o *Jornal dos Tipógrafos* (RJ, 1858), diário que permite acompanhar as motivações

e o desenrolar do movimento, que esteve entre as primeiras paralizações de trabalhadores assalariados do país.<sup>5</sup>

Sem ultrapassar o oitocentos, é possível encontrar, no Rio de Janeiro e em outras cidades do país, vários títulos que evocavam a profissão, a exemplo da *Revista Tipográfica* (RJ, 1864); *O Tipógrafo*, órgão da classe tipográfica (RJ, 1867-1868); *O Tipógrafo* (Fortaleza, 1866); *O Tipógrafo* (Cachoeira, BA, 1871-1872); *O Tipógrafo*, Jornal literário e instrutivo (Desterro, 1872); *O Tipógrafo*, periódico crítico e notificador (Paraíba, 1876); *O Tipógrafo* (Salvador, 1878); *Revista Tipográfica* (RJ, 1888-1889), *Brasil Tipográfico*, órgão da classe tipográfica e suas correlativas (RJ, 1889-1890); *O Tipógrafo*, Órgão literário dedicado à classe tipográfica penedense (Penedo, AL, 1897). A lista, que está longe de ser exaustiva, cresceria se a ela fossem somados impressos cuja nomeação não remetia ao ofício, mas que estavam sob responsabilidades de praticantes do mesmo, caso de *O Século XIX*, órgão da Associação Tipográfica Alagoana de Socorros Mútuos (1870), *O Trabalho*, órgão tipográfico, jornal literário e noticioso (SP, 1876-1877), *O Colossal* (1878-1879); ou de *A Greve* (1892), ambos da cidade de Fortaleza; de *A Arte*, propriedade da corporação tipográfica do *Jornal da Tarde* (SP, 1890); ou dos que homenageavam o inventor dos tipos móveis, como *Gutenberg* (Maceió, 1882-1883), sob responsabilidade da mesma entidade alagoana já citada; ou *O Gutenberg*, órgão da classe

<sup>2</sup> Utiliza-se aqui o termo genérico tipógrafo, mas cabe diferenciá-lo entre o tipógrafo compositor e o paginador, que lidavam diretamente com os tipos, e o tipógrafo impressor, encarregado dos prelos (tipográficos, calcográficos e litográficos), manuais ou mecânicos, planos ou cilíndricos. A atividade comportava, ainda, outras especialidades, a exemplo do encadernador, pautador e estereotipista. No Brasil dos anos 1880, momento de circulação da *Revista Tipográfica*, a industrialização do processo de impressão, com a utilização do vapor, já se disseminara nos principais jornais e empresas do ramo, enquanto as rotativas foram introduzidas na década seguinte. Já a mecanização da composição, tornada realidade com a invenção da linotipo (1885), somente se efetivou entre nós no início do século XX. Sobre a terminologia tipográfica, consultar (PORTA, 1958).

<sup>3</sup> Até onde se sabe, essa é a entidade mais antiga entre tipógrafos no Rio de Janeiro, cabendo notar que a organização de sociedades beneficentes remonta à década de 1830, sendo difícil precisar data de fundação e, sobretudo, o tempo de existência das mesmas. Contasse, por exemplo, com os levantamentos elaborados por Guimarães (1883) e Fonseca (2008, p. 213-240), esse último a partir de dados do *Almanaque Laemmert*, entre os anos 1844 e 1889. Não apenas na Corte há registro de sociedades de tipógrafos, como indica a fundação em Recife da Associação Tipográfica Pernambucana (1856), em Maceió da Associação Tipográfica Alagoana de Socorros Mútuos (1869), em Salvador da Associação Tipográfica Baiana (1870), na cidade de São Paulo da Associação Tipográfica Paulistana de Socorros Mútuos (1876) ou em Porto Alegre da Sociedade Tipográfica Rio-grandense (1891), para citar alguns exemplos (Cf. MAC CORD; BATALHA, 2014).

<sup>4</sup> Exemplares disponíveis em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/echo-imprensa/758485>. Acesso em: 2 abr. 2019.

<sup>5</sup> As reivindicações e o papel desempenhado pelo jornal foram analisados por (VITORINO, 1999, p. 71-106; VITORINO, 2000, p. 71-98). O autor cita a Sociedade União Beneficente dos Impressores Tipográficos, responsável por imprimir gratuitamente o jornal, o que atesta a existência, nesse momento, de pelo menos mais uma entidade a congregar tipógrafos. A União não é mencionada nas listagens acima citadas, mas graças à nota publicada no *Correio Mercantil*, ano XIV, n. 320, p. 1, 23/11/1857, sabe-se que a reunião de fundação ocorreu no dia anterior. Notícias diversas. O *Correio* está disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-mercantil-instrutivo-politico-universal/217280>. Acesso em: 2 abr. 2019.

tipográfica (Paranaguá, PR, 1882).<sup>6</sup> Envolvidos cotidianamente com a fatura de periódicos e livros, que exigiam não apenas alfabetização, mas também conhecimento técnico e sensibilidade estética, não admira que lançassem as próprias fohas, veículos privilegiados para compreender suas leituras e percepções de mundo.

No polo oposto a esse tipo de publicação, pode-se citar *A Ilustração* (Paris, 1884-1892), impressa fora do País em função da impossibilidade de aqui se produzir, a cada quinze dias e por preços competitivos, uma revista no formato 40 por 29 cm, com 16 páginas, metade delas ocupadas por estampas alusivas a temas da atualidade e que se distinguiam pela execução detalhada, grandes dimensões e excelência na impressão, características que, segundo os termos da época, evidenciavam "bom gosto" e "qualidade artística".

Assim, para poder ofertar ao público um produto capaz de ombrear com as congêneres europeias, cujos modelos matriciais foram *The Illustrated London News* (Londres, 1842) e *L'illustration* (Paris, 1843), buscavam-se alternativas para além das fronteiras nacionais. Solução essa que, por si só, equivalia à admissão tácita de limitações de ordem técnica e de mão de obra imperantes não apenas no Brasil, mas também em Portugal, onde parte dos caixotes provenientes do porto de Bordeaux contendo *A Ilustração* desembarcava, enquanto outros seguiam viagem de Lisboa até a Bahia de Guanabara.

Entre 1888 e 1890, ou seja, quando *A Ilustração* estava em circulação, a *Revista Tipográfica* (RT) foi editada no Rio de Janeiro. Se a primeira estava em consonância com impressos caros e sofisticados, ofertados à clientela europeia capaz de arcar com tais custos e cuja existência entre

nós só pode ser compreendida a partir de um circuito transnacional, que envolvia impressão na França e o transporte por navegação à vapor através do Atlântico, a segunda almejava ser porta-voz dos tipógrafos fluminenses, que enfrentavam o cotidiano dos estabelecimentos gráficos, lidavam diretamente com o contexto técnico disponível e eram responsáveis por dar corpo aos impressos, o que convida a investigar como concebiam seu ofício, de que maneira se autorrepresentavam e que papel julgavam desempenhar em uma sociedade marcada pelos debates em torno do fim do regime escravista. A RT também se constitui em fonte estratégica por haver registrado as tensões entre uma identidade ancorada no orgulho profissional e os esforços para organizar, já nos primórdios da República, um partido operário, como bem expressa a trajetória pessoal do tipógrafo Luís França e Silva, que sempre esteve à testa da publicação.<sup>7</sup>

Não se trata, propriamente, de contrapor as duas publicações, mas de verificar, a partir das pistas deixadas pelos trabalhadores das oficinas, as condições técnicas vigentes e a qualificação da mão de obra, fatores tidos como responsáveis pelo fracasso das ilustrações lançadas no Brasil até o início do século XX.<sup>8</sup>

### Descrevendo o projeto

A RT veio a público em 12 de março de 1888 e foi publicada semanalmente pelo menos até o número 51 (24/02/1889), às vésperas de completar seu primeiro ano de existência. Dessa data em diante, os exemplares não foram preservados, exceção feita aos números 76 (16/12/1889) e 78 (10/02/1890).<sup>9</sup> A despeito da escassez de dados, é possível afirmar que,

<sup>6</sup> Os títulos citados foram localizados nos diferentes catálogos de periódicos (correntes, raros, microfilmados e digitalizados) da Biblioteca Nacional. Para os estados da Bahia, Ceará e São Paulo ver, respectivamente, Carvalho (2007), Gonçalves, Bruno (2002) e Freitas (1915).

<sup>7</sup> Dados sobre França são escassos. Sabe-se que nasceu no Rio Grande do Norte, tinha ascendência africana, chegou ao Rio com dez anos e que faleceu em 24/04/1894. Com o encerramento da RT, desempenhou importante papel na organização de um partido operário. Sobre as concepções políticas que passou a defender a partir de então, ver: HAHNER, 1993, p. 121-132; PANSARDI, 1998, p. 87-99.

<sup>8</sup> No Rio de Janeiro, várias foram as tentativas de manter uma revista nos moldes das ilustrações: *Ilustração Brasileira* (1854-1855), *O Brasil Ilustrado*, publicação literária (1855-1856); *Ilustração Brasileira*, Jornal enciclopédico (1861); *Ilustração do Brasil* (1876-1880), *Ilustração Popular* (1876-1877), *Ilustração Brasileira*, Jornal de artes, ciências e letras (1876-1878), *Brasil Ilustrado*, Acervo de conhecimentos úteis (1887-1888), todas de duração relativamente curta. Observe-se que, apenas no século XX, quando a reprodução direta da fotografia já havia se tornado rotina, registrou-se uma revista longeva, a *Ilustração Brasileira* (1909-1958). Já a sua homônima, que circulou entre 1901 e 1902, era impressa em Paris.

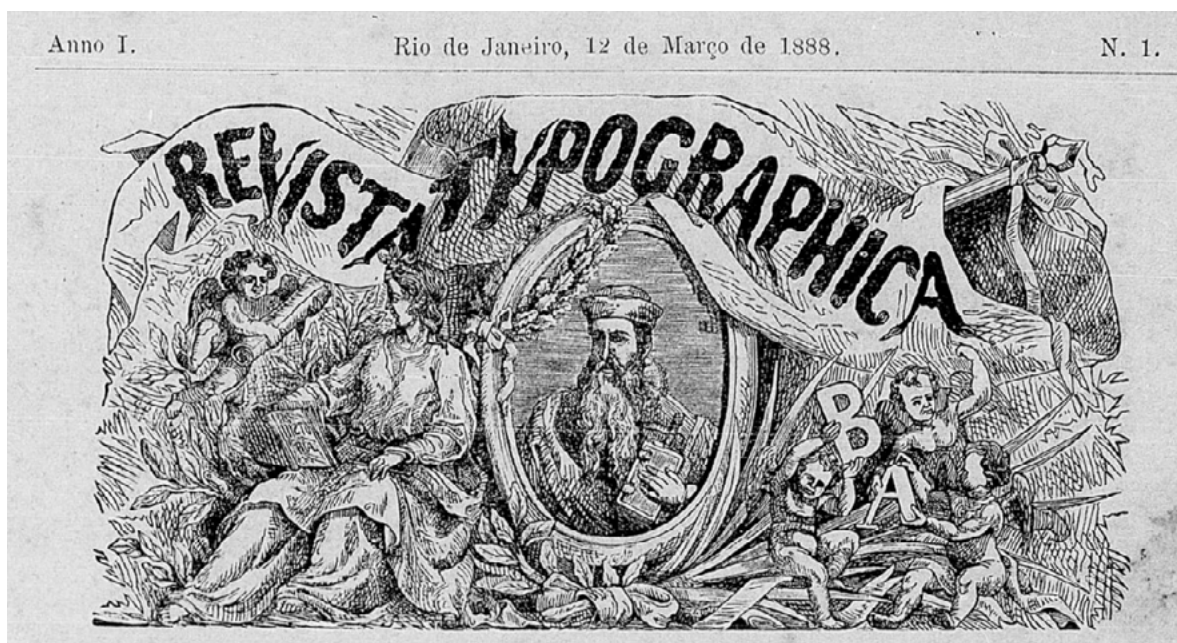
<sup>9</sup> Os exemplares da RT estão disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Revista-Typographica/341690> e todos os acessos ocorreram ao longo de abril de 2019.

em algum momento após fevereiro de 1889, a publicação teve sua periodicidade alargada ou saiu de modo irregular, tendo em vista que, se continuasse semanal, a numeração ultrapassaria as sete dezenas. O último exemplar disponível contém referência genérica à interrupção da publicação, enquanto os comentários a respeito da correspondência recebida indicam que a edição anterior (77) veio a público no final de 1889. Ainda nesse número, há uma breve nota na qual França comunica a decisão de suspender a circulação da RT, ou passá-la a outrem, assim que findasse a publicação da obra *Ensino Profissional*, do português A. Serafim da Silva,<sup>10</sup> o que muito provavelmente não ocorreu, pois menos de um mês depois, em 6 de março, ele já estava às voltas com outro projeto editorial, o jornal *Eco Popular*, órgão das classes operária, industrial e comercial (RJ, 1890), que se batia em prol de todos os operários e não apenas dos tipógrafos.

De acordo com os registros da Biblioteca Nacional, as dimensões da RT eram de 33

por 23,5 cm,<sup>11</sup> enquanto o número de páginas variou ao longo do tempo, iniciando-se com quatro, por vezes trazendo seis até se fixar em oito. As estampas eram raras, mas se faziam presentes no cabeçalho (ver Figura 1 e Figura 2), nas propagandas e quando essenciais para compreensão de aspectos técnicos da tipografia. Registre-se a publicação de duas páginas inteiras com estampas – uma com reprodução do edifício de *O País* (RJ, 1884-1930), suplemento ao número 20 (21/07/1888), e outra dedicada à própria revista no exemplar 47 (02/02/1889). Isso não significava, contudo, desatenção quanto à composição das páginas, que frequentemente traziam mais de uma família de tipos, diferentes espaçamentos entre letras e linhas, variações no corpo dos caracteres, molduras, filetes diversificados (finos, grossos, duplos, ponteados) e linhas de enfeite para separar colunas de textos e seus diferentes conteúdos, títulos de artigos e de seções, que poderiam ter vinhetas próprias, denotando atenção à legibilidade e à harmonia do conjunto.

**Figura 1** – Primeiro cabeçalho da *Revista Tipográfica*



**Fonte:** Captura de tela no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> A quem nos lê. Noticiário. RT, ano II, n. 78, p. 4, 10/02/1890. A despeito da declaração, este deve ter sido o derradeiro número da RT.

<sup>11</sup> Dado que precisaria ser verificado face à junção, no mesmo registro bibliográfico, de duas revistas homônimas, que circularam na Corte com intervalo de mais de duas décadas (1864 e 1888-1890). Infelizmente, pesquisadores não têm acesso à versão impressa de material digitalizado.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Revista-Typographica/341690>. Acesso em: abr. 2019.

**Figura 2** – Segundo cabeçalho da *Revista Tipográfica*



**Fonte:** Captura de tela no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.<sup>13</sup>

Observa-se que, nos dois cabeçalhos, Gutenberg ocupa o centro da cena e é ladeado por referências à tipografia. A primeira estampa, sem assinatura e contendo maior diversidade de elementos, deveria integrar a coleção de clichês importados pela Tipografia Universal de Laemmert & Cia, empresa que imprimiu a primeira RT (1864) e, também, 36 números da homônima, lançada em 1888. O fato de as duas publicações terem compartilhado o mesmo cabeçalho colabora para que sejam confundidas. Já a segunda estampa, de autoria de José Xavier Pires, um colaborador assíduo da segunda RT, figurou nos dois últimos exemplares conservados, o que só permite afirmar que foi adotada em algum momento após a publicação do número 51, que ainda trouxe a primeira.

No que respeita ao preço, não há dados nas duas últimas edições, mas graças às anteriores sabe-se que os valores pouco se alteraram: \$500 réis na Corte por um mês e 1\$500 nas províncias por três meses, periodicidade alterada em junho de 1888 para três meses na capital (1\$500) e seis meses no restante do país (3\$500), com ligeira majoração nesse último caso. A venda avulsa tornou-se disponível a partir de dezembro de 1888 (\$200).<sup>14</sup> Há grande quantidade de notas da redação incitando os colegas a subscreverem a revista ou lembrando aos já assinantes a urgência de honrarem seus débitos, o que também era feito por meio de estocadas bem humoradas.<sup>15</sup> A questão deveria ser essencial para a sobrevivência do periódico, tanto que se observa a preocupação de contar com agentes fora do Rio de Janeiro,<sup>16</sup> cuja

<sup>13</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Revista-Typographica/341690>. Acesso em: abr. 2019.

<sup>14</sup> Frente a outros periódicos coevos, o preço da RT era modesto, o que não surpreende em vista da sua natureza. A humorística *Revista Ilustrada* (RJ, 1876-1898), fundada por Agostini, cobrava 5\$000 o trimestre na Corte, mesmo preço da congênere *O Mequetrefe* (RJ, 1875-1893), enquanto nas províncias o semestre alcançava, respectivamente, 11\$000 e 12\$000. Periódicos disponíveis, respectivamente, em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-illustrada/332747> e <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/mequetrefe/709670>. Já a semestralidade de *A Estação*. *Jornal ilustrado para a família* (RJ, 1879-1904) montava a 7\$000 no RJ e 8\$000 nas províncias. *A Ilustração*, impressa em Paris, cobrava 6\$000 por seis meses na Corte, enquanto aos demais assinantes ofertava-se apenas a anuidade, por 14\$000. Ambos os periódicos disponíveis, respectivamente, em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estacao/709816> e <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB-767026>. Acessos em 10 abr. 2019.

<sup>15</sup> "O *Correio de Itu* iniciou uma seção original. É encimada por uma cruz e nela vão incluídos como cadáveres os assinantes rebeldes ao cumprimento de seus deveres". Se a moda pega. *Noticiário*. RT, ano I, n. 9, p. 6, 05/05/1888, ou ainda: "F...", pergunta com curiosidade e interesse ao companheiro que de cócoras lê um folha: - O que estás lendo? - *A Revista*. - Mas tu és assinante?! - Não, quando quero lê-la, peço emprestada a do Chico". Em uma oficina tipográfica. *Noticiário*. RT, ano I, n. 23, p. 4, 11/08/1888, grifo do autor.

<sup>16</sup> Em uma oportunidade, foram mencionados agentes da revista nos principais jornais da Corte e em cidades próximas. *Noticiário*. RT, ano I, n. 6, p. 3-4, 14/04/1888. Do número 28 ao 48, listam-se os agentes da RT em Campos (RJ, 12 vezes), SP (12 vezes), PE e norte do país (20 vezes), Buenos Aires (16 vezes) e EUA (11 vezes). Várias empresas e periódicos que exerciam tal função figuravam nos anúncios.

eficácia é difícil de mensurar, uma vez que nunca se divulgou a tiragem ou o número de assinantes.

A partir do sétimo número (21/04/1888), a RT passou a estampar anúncios, alocados nas páginas finais. Entretanto, não é simples aquilatar quais produtos e serviços efetivamente pagavam por tal espaço e, em caso positivo, quanto isso rendia. De saída, cumpre observar que todos os produtos anunciados guardavam relação direta com o mundo da impressão. É muito provável que as tipografias Dias da Silva Jr (10 menções), Morais e Filhos (5 menções), Barboza, Tanner & Cia (3 menções) e o depósito de Emile Lambert (1 menção) investissem para figurar na revista, o que certamente não era o caso da própria RT (17 menções)<sup>17</sup> e tampouco do conteúdo relativo à Tipografia Itália, cujas referências (6) ocorreram após essa se tornar coproprietária da publicação. Mais difícil é precisar que tipo de acordo foi estabelecido com a Tipografia Laemmert, que anunciou 23 vezes seus serviços e produtos (a exemplo de massa para rolos, componedor, tipos, cunhos, clichês e álbum de espécimes), 14 dos quais no período que ainda imprimia a publicação, o que permite supor que não envolvesse troca financeira, e o restante quando já deixara de fazê-lo, cabendo lembrar o bom relacionamento entre a RT e os antigos impressores, tanto que a revista continuou, por algum tempo, a se valer do mesmo clichê no seu cabeçalho.

Outro caso diz respeito à Fundação de Tipos Nebiolo & Cia, de Turim (uma menção), que tinha como agente no Brasil – e, portanto, parte interessada – ninguém menos do que França e Silva, ou, ainda, o exemplo do Empório Tipográfico de Bruno Wilhelmi (3 menções), cuja difusão da primeira propaganda coincidiu com a presença da empresa no expediente, autorizada a intermediar anúncios para a RT em São Paulo,

situação idêntica à do escritório internacional de PH Heinsberger (10 vezes), sediado em Nova York, que aceitava assinaturas de periódicos, encarregava-se de comprar e remeter tipografias e cuja publicidade também teve início no instante em que esse passou a figurar no expediente na condição de agente da revista, encarregado de coletar anúncios e assinaturas nos EUA e países europeus. Nesses casos, cabe inquirir se tais acordos envolviam trocas monetárias.

É bom ter presente que a lógica econômica, se não estava ausente, tampouco presidia os rumos do mensário. Assim, a presença de propagandas dos periódicos *El Polígrafo*, órgão mensal de las artes gráficas (Buenos Aires, 15 menções) e do *Jornal do Povo* (Recife, 2 vezes) não deveria ser mais do que retribuição de gentileza, uma vez que o diretor do primeiro, Rodolfo Soucoup, era o representante da RT na Argentina, com França cumprindo o mesmo papel na Corte para os periódicos argentino e pernambucano. Já os parisienses *Gutenberg Journal* e *L'Imprimerie* (10 vezes cada) eram citados com vistas a informar os leitores sobre a importância desses impressos, com os quais a RT mantinha política de troca de exemplares, mas não de representação para assinaturas ou publicidade. A exceção talvez ficasse por conta dos anúncios de *A Estação* (5 vezes), bem como dos lançamentos da Garnier – *O orador popular*, de José Alves Castilho, e *O homem*, de Aluísio Azevedo, cada um estampado duas vezes e que devem ter pago para aí figurarem.

Já as recorrentes notas sobre o *Manual do aprendiz compositor* (10 vezes), tradução feita pelo tipógrafo da Imprensa Nacional, João Henriques de Lima Barreto, muito provavelmente objetivava dar a conhecer o trabalho do colega, o que também deve ter sido o caso do tipógrafo que ofereceu seus serviços para folhas do interior

<sup>17</sup> Conta-se com exemplares do *Jornal do Povo* (Recife, 1889), entre janeiro e julho, que várias vezes estamparam anúncio idêntico ao publicado na própria RT, exceção feita à menção do agente: "Folha consagrada às artes gráficas do Brasil. Vantajosamente conhecida no país, nações da Europa e Estados-Unidos, sendo de preferência aos outros jornais lida pelo tipógrafos, penetrando em quase todas as tipografias e estabelecimentos gráficos do interior, recebe anúncios que se prendam a todos os ramos gráficos, inclusive os de papelaria e livraria. Os Srs. industriais gráficos que quiserem tonar conhecidos seus estabelecimentos e vender mais facilmente seus gêneros de negócio, encontrarão na RT, folha única em seu gênero no país, um eficaz e poderoso agente, pela especial circunstância de serem quase todos os seus leitores justamente aquela aos quais muito interessa conhecer a qualidade e o gênero de negócio dos Srs. anunciantes e industriais gráficos. Agente geral no Norte: Honório Silva". *Jornal do Povo*, ano I, n. 2, p. 4, 15/01/1889, grifo nosso. Já no primeiro número, França figurou como representante do *Jornal do Povo* na Corte. Exemplares disponíveis em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-povo/709514>. Acesso em: 10 abr. 2019.

(uma ocorrência) e, quem sabe, do indivíduo que se propôs (duas vezes) a redigir informes para jornais provinciais. Pode-se concluir, portanto, que as assinaturas se constituíam na principal fonte de recursos do periódico.

Até o terceiro número (24/03/1888), a iniciativa da RT foi creditada a uma associação, com direção de Luiz da França e Silva, situação que se alterou no subsequente (31/03/1888), quando três sócios se afastaram por discordarem dos rumos da publicação. França tornou-se proprietário, juntamente com Paulo Latour, que se retirou a partir do exemplar 27 (08/09/1888).<sup>18</sup> Desse e até o exemplar 36 (17/11/1888), França figurou como único dono, quando estabeleceu nova parceria, desta feita com a Tipografia Itália, de Luiz Curvelo de Ávila & Cia, situada na Rua da Alfandega n. 142, que passou a imprimir a publicação – até então sob a responsabilidade da Tipografia Universal de Laemmert & Cia – e a sediar o escritório da redação, antes situado na Praça da Aclamação, 43, 1.º andar.<sup>19</sup>

## Folheando a RT

A condução dos destinos da RT esteve sempre a cargo de França e Silva, que contou com

colaboradores próximos, caso de Júlio Ladislau, que chegou a figurar ao seu lado no cabeçalho como redator (n. 4 ao n. 8),<sup>20</sup> Adolfo de Paula Ferreira e José Xavier Pires, assim também referidos em mais de uma oportunidade, ainda que não citados na portada do periódico. E, de fato, a análise do conteúdo aponta para o peso do trabalho da redação, que produzia grande parte do que era publicado, aspecto explicitado no sumário – presente entre a quarta (31/03/1888) e a décima nona (14/07/1888) edições. Ai diferenciavam-se artigos assinados, produção literária e conteúdo atribuído à redação, largamente predominante e que incluía, além do editorial, um rol diversificado de seções, do que resulta uma lista bastante modesta de colaborações escritas especialmente para a revista.

Pela sua própria natureza, ou seja, um periódico que representava os interesses de trabalhadores, era importante reproduzir e responder às cartas enviadas por tipógrafos dos mais diferentes recantos do país, fosse para elogiar a publicação,<sup>21</sup> dar conta da existência ou dos esforços para fundar entidades<sup>22</sup> e impressos<sup>23</sup> nas províncias e, ainda, relatar problemas enfrentados no cotidiano das oficinas,<sup>24</sup> o que também poderia

<sup>18</sup> Sobre as mudanças, ver: FRANÇA E SILVA, Luiz da. Aos leitores. *RT*, ano I, n. 4, p. 1, 31/03/1888 e LATOUR, Paulo. Expediente. *RT*, ano I, n. 27, p. 1, 08/09/1888. A saída de Latour foi justificada em função do horário de trabalho, motivo diverso, portanto, do alegado pelos primeiros sócios – Antônio Pereira dos Santos, Francisco Diogo Ferreira da Silva e Pedro da Costa Frederico.

<sup>19</sup> França anunciou que a revista contaria oito páginas e a sociedade com "meus colegas de arte, proprietários da Tipografia Itália [...] Dando este passo entrego a administração material a eles, inclusive a cobrança de assinaturas. Fico sendo proprietário com eles e conservando o mesmo lugar que desde o princípio tenho ocupado na redação". FRANÇA E SILVA, Luiz da. À classe tipográfica. *RT*, ano I, n. 37, p. 2, 24/11/1888. Não houve alteração da imagem do cabeçalho, quiçá em prol da identidade da publicação. Porém, não se conhecem as razões e o momento da alteração.

<sup>20</sup> O tipógrafo mineiro Júlio Ladislau editou e redigiu *O Trabalho*, revista histórica, literária e científica de artes e ofícios, exclusivamente consagrada aos interesses das classes operária (RJ, 1879), do qual se conhecem dez exemplares, disponíveis em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/trabalho/739510>. Acesso em 10 abr. 2019. Era admirado por sua cultura e não apenas entre os colegas tipógrafos: "Júlio atualmente colabora na RT e, segundo consta, vai ser redator comumente acorde com o cidadão que até aqui tem estado à frente daquele órgão da classe tipográfica. Uma nova e brilhante fase vem dar Júlio à Revista; é quanto lhe basta para impor-se ao público e recomendar-se aos seus leitores". *Revista Tipográfica. O País*, ano V, n. 1268, p. 2, 27/03/1888, título disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>. Acesso: 10 abr. 2019. Detalhes sobre a atuação de Ladislau em Costa (2014).

<sup>21</sup> Um exemplo entre muitos: "Secretaria da Sociedade Protetora dos Tipógrafos do *Diário de Pernambuco*, 24/09/1888: "Tendo V. encetado a publicação de uma revista com o fim de defender os interesses da nobre classe tipográfica, esta sociedade resolve, por iniciativa de seu presidente, tomar uma assinatura da mesma revista por um ano [...]. Procedendo deste modo, tem em vista estimular a ingente tarefa que tomou V. de defender a classe a que pertence, mostrando assim ser um verdadeiro apóstolo do grande Gutenberg". *Ofício expressivo*. Noticiário. *RT*, ano I, n. 35, p. 2, 06/10/1888. Há registro de cartas de Barra Mansa e Resende (RJ), Belém, Cachoeira (BA), Natal e São Paulo.

<sup>22</sup> Exemplo: "Desterro, Oficinas do *Jornal do Comércio*, 29/03/1888 [...] Promovemos uma reunião da classe, sendo para isso auxiliados pelos nossos dignos colegas [...]. Dessa reunião não só conseguiu-se instituir a Sociedade Protetora Tipográfica, como também harmonizar o nosso grémio [...]. Luiz Neves". *Provincia de Santa Catarina*. Interior. *RT*, ano I, n. 6, p. 4, 14/04/1888. Para circulares sobre fundação de entidades em Recife e SP, ver, respectivamente, A Nossa Classe em Pernambuco. *RT*, ano I, n. 24, p. 2, 18/08/1888 e S. Paulo. *RT*, ano I, n. 25, p. 1-2, 25/08/1888. A RT sempre publicou notícias sobre a Tipográfica Fluminense – eleição de diretoria, assembleias e relatórios.

<sup>23</sup> Veja-se a seguinte nota: "*Revista Tipográfica* catarinense. Esta nossa ilustrada colega acaba de passar por um grande melhoramento, aumentando de formato e imprimindo à sua direção uma fase verdadeiramente nova. Felicitamo-la por esse progresso". *Imprensa*. Noticiário. *RT*, ano I, n. 9, p. 6, 05/05/1888.

<sup>24</sup> Exemplo de queixa: "Rio de Janeiro, 17/08/1888. Ilmo. Sr. Empregado na oficina tipográfica do *Jornal do Comércio* desde 29/07/1867, fui despedido injustamente, no dia 18 do corrente, por ter publicado um anúncio de teatro em um sábado e declarava domingo; na minha ausência riscou-se o meu nome da lista de suplentes daquela oficina [...] Quanto ao aleve que sobre mim atiram de ter insultado o gerente não é exato, assim como o de fazer poucas linhas no trabalho (vejam o livro onde figuram as linhas que se compõem diariamente)". Sem comentários. Noticiário. *RT*, ano I, n. 26, p. 3-4, 01/09/1888. A nota é instrutiva sobre a hierarquia nas oficinas, o controle da produção diária dos compositores, além de também mencionar, em trecho não reproduzido, que muitos tipógrafos tinham dois empregos.

ser creditado no rol das colaborações. Ao longo do tempo, esse material figurou em diferentes espaços, ora agrupado em rubricas próprias e de duração efêmera ("Interior", "Missivas Diversas" e "Missivas Tipográficas"), ora reproduzido em editoriais ou no interior da seção "Noticiário".

Esta última estava a cargo da redação e foi estampada, sem interrupções, a partir do quarto número (31/03/1888), o que a dota de particular perenidade (50 ocorrências) em vista das demais seções, cuja existência raramente ultrapassou uma dezena, e mesmo dos editoriais, que ocupam o segundo lugar em termos quantitativos (29 vezes). "Noticiário" reunia um conjunto de notas, de dimensões variáveis e quase exclusivamente vinculadas ao mundo das oficinas. Ali os assinantes eram informados sobre os rumos da revista, o falecimento de colegas de profissão,<sup>25</sup> os esforços organizativos dos tipógrafos, manifestos na fundação de centos, montepios, sociedades de socorros mútuos, beneficentes ou recreativas, em diferentes cidades brasileiras (Belém, Campinas, Campos, Desterro, Juiz de Fora, Maceió, Pelotas, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo), as reclamações e os movimentos grevistas, ocorridos no *Diário de Notícias* (RJ, 1885-1895), no *Comércio do Pará*, órgão do Partido Conservador (Belém 1887-1890), na *Província*, órgão do Partido Liberal (Recife, 1872-1933), em Nancy, Paris, Praga, Santiago ou Viena.

Tomada em seu conjunto, a seção "Noticiário" e a correspondência recebida/respondida fornecem um instantâneo precioso não apenas da situação dos trabalhadores do setor, suas ações,

organizações e publicações, mas também sobre a difusão da própria RT e isso graças à transcrição de excertos provenientes de outros periódicos, no mais das vezes encimados pelas rubricas "O que dizem de nós" ou "Imprensa", fosse de revistas congêneres do exterior,<sup>26</sup> de periódicos da Corte e das capitais,<sup>27</sup> ou de folhas do interior de Alagoas (Pão de Açúcar), Bahia (Maragogipe, Santo Antônio de Jesus), Minas Gerais (Campanha, Leopoldina, Mariana, Ouro Preto, Pitangui), Paraná (Antonina), Rio de Janeiro (Angra, Barra Mansa, Campos, Carmo, Macaé, Resende), Rio Grande do Sul (Rio Grande), São Paulo (Descalvado, Itu, Limeira, Pirassununga, Santos, São José dos Campos) e Sergipe (Laranjeiras).

Para tanto, certamente colaborou a prática, então largamente generalizada, do envio de exemplares às redações de jornais e revistas, que noticiavam em suas páginas a "visita do colega", amabilidade igualmente retribuída e que originava novas menções por parte dos agraciados com exemplares. A RT, além de registrar o que recebia e o que dela se dizia, também destacava o lançamento de novas publicações, o aniversário das em circulação, mudanças nas redações e as eventuais melhorias no processo de impressão, dados que chegaram a ser deslocados do interior de "Noticiário" para as seções "Revista dos jornais", "Miscelânea" e "Bibliografia" (respectivamente com 9, 8 e 2 ocorrências).<sup>28</sup> Essas informações apontam para a constituição de uma ampla rede, tecida a partir dos esforços de intercâmbios, que se constituía em via de mão dupla, pois se informava sobre o alcance da RT,<sup>29</sup> também fornecia um

<sup>25</sup> Eram frequentes as referências ao estado de miséria da família: "Faleceu o nosso colega de arte José Luiz de Araújo Barros, que há mais de 25 anos exercia na Tipografia Laemmert a sua profissão. Era natural da Corte e deixa, como todos, infelizmente, sua mãe octogenária na mais extrema pobreza". Falecimentos. Noticiário. RT, ano I, n. 32, p. 5, 13/10/1888.

<sup>26</sup> Vejam-se as observações feitas à nota publicada pela revista suíça *Les Archives de l'Imprimerie*, que atribuiu a fundação da RT à Laemmert e a caracterizou como órgão de uma associação operária. França corrigiu as informações, explicitando a origem do projeto e os vários coproprietários do periódico, além de precisar que se tratava de órgão da classe tipográfica. *Les Archives de l'Imprimerie*. Noticiário. RT, ano I, n. 40, p. 4-5, 15/12/1888. Ver, ainda, a nota elogiosa da *Tipografia Portuguesa*. Noticiário. RT, ano I, n. 36, p. 3, 17/11/1888.

<sup>27</sup> Exemplo: "Somos gratos ao modo lisonjeiro por que o nosso ilustrado colega o *Jornal do Comércio* de [Desterro] Santa Catarina, notícia o recebimento de nossa folha, e pedimos-lhe vênia para transcrever o que diz a nosso respeito". Imprensa. Noticiário. RT, ano I, n. 9, p. 6, 05/05/1888.

<sup>28</sup> "Revista dos Jornais" figurou nos números 13 a 15, 17 a 20, 23 e 30, "Bibliografia" no 76 e 78 e "Miscelânea" do 37 ao 44. Essa última seção, contrariamente às outras, tinha identidade bem definida e objetivava colocar os leitores a par das "notícias mais notáveis pela sua importância", argumentando que "as classes laboriosas, como parte integrante da nação, têm o direito de imiscuir-se nas questões que agitam o país, pela livre manifestação de pensamento". Contudo, a seção cumpriu parcialmente seus objetivos e acabou por dedicar espaço significativo para o recebimento de publicações. Sobre suas finalidades, ver: Miscelânea. RT, ano I, n. 37, p. 7-8, 24/11/1888.

<sup>29</sup> Ver, a título de exemplo, o orgulho pelo recebimento de títulos destacados: "Pela primeira vez fomos honrados com a visita do *Correio Paulistano*, conceituado diário da capital de S. Paulo e um dos mais importantes e antigos da imprensa brasileira. Ficamos desvanecidos com a gentileza do nosso amável colega e iremos retribuir sua apreciável visita". *Revista dos Jornais*. RT, ano I, n. 19, p. 4, 14/07/1888. Já os elogios do jornal foram reproduzidos: "Agradecemos ao conceituado colega *Correio Paulistano* as expressões lisonjeiras com que se refere à nossa obscura folha. É mais uma prova de fineza e cavalheirismo do notável órgão paulistano, a que procuraremos retribuir". RT, ano I, n. 20, p. 6, 21/07/1888. Novos elogios em Honroso julgamento. RT, n. 33, p. 1, 20/10/1888.



panorama de parte do que então circulava no país e mesmo no exterior, quando o tema eram publicações específicas do mundo das oficinas. Não se pode perder de vista, contudo, que o interesse precípuo da permuta era o de difundir a RT entre os empregados nas tipografias, objetivando não apenas a obtenção de novos assinantes, mas também contribuir para a mobilização e a organização da classe.<sup>30</sup>

A preocupação em dar a conhecer a situação dos tipógrafos além das fronteiras nacionais encontrava importante aliado nos periódicos de outros países que chegavam regularmente à redação da RT, conforme se depreende da leitura da seção "Noticiário": *Tipografia Portuguesa* (Porto), os parisienses *L'Imprimerie: journal de la typographie, de la lithographie et des arts accessoires, La Typographie Française, Le réveil typographique* e o *Gutenberg Journal*, além de *L'Imprimerie Belge* (Liège) e *Les Archives de l'Imprimerie* (Lausanne), do italiano *Senefelder* (Turim), dos alemães *Graphische Künste* e *Die Graphische Presse*, de Leipzig, e do *Illustriste Zeitung für Buchbinderei und Cartonagen Fabrikationi* (Dresden), dos norte-americanos *The American Lithographer and Printer* (Nova York) e *Paper and Press* (Filadélfia), da *Revista Tipográfica*, órgão de las clases gráficas (Madri) e do portenho *El Polígrafo*.

Esse rico manancial permitiu a organização da rubrica "Exterior" (13 ocorrências), que, como bem indica seu título, dava conta do que se passava ao redor do mundo: movimentos grevistas, valor dos salários, presença feminina nas tipografias, luta em prol da oito horas de trabalho, a candente questão dos aprendizes, publicação de manuais, organização de concursos tipográficos e notícias sobre a produção de obras tidas como notáveis, morte de figuras de destaque, a exemplo de Louis Alauzet, oportunidade em que se forneciam dados sobre a vida e os feitos do ilustre falecido, ao que

se deve acrescentar um conjunto diversificado de curiosidades – novos instrumentos e máquinas para composição e impressão, a presença de mulheres na redação de jornais norte-americanos, tipógrafos eleitos para cargos públicos, tiragem e o lucro de grandes jornais, enfim, uma miríade de temas que não se afastavam dos interesses da profissão, extraídos das publicações internacionais recebidas, como frequentemente se indicava.<sup>31</sup> Ainda no que respeita à regulação do trabalho, a RT traduziu e publicou a íntegra do extenso Regulamento da 21.ª seção da Câmara Sindical Tipográfica Parisiense, datada de novembro de 1886, entidade que se propunha a defender os interesses profissionais dos compositores, estabelecer e manter os preços da mão de obra, socorrer os desempregados e procurar colocação para os mesmos, o que se constituía num exemplo da capacidade de organização da categoria, fonte de inspiração para os "irmãos de arte" brasileiros.<sup>32</sup>

Igualmente significativa era a preocupação em difundir e incrementar os conhecimentos históricos e técnicos dos leitores, outro aspecto que encontrava suporte nas revistas estrangeiras. Sem pretensão de fornecer uma lista completa, uma vez que há vários textos identificados apenas como tradução, sem identificação da fonte, pode-se citar artigo sobre a importância dos rolos no processo de impressão, reproduzido da *Tipografia Portuguesa*,<sup>33</sup> as considerações sobre a causa da oxidação dos caracteres tipográficos extraídos do *L'Imprimerie* e que não menciona autoria,<sup>34</sup> o que também ocorreu com artigo sobre galvanização em madeira da *Typographie Française*<sup>35</sup> ou com as novidades na estereotipia, extraídos do *El Polígrafo*.<sup>36</sup>

Mas não eram apenas de fontes estrangeiras que provinham os textos com caráter formativo. O sempre saudado Júlio Ladislau respondeu

<sup>30</sup> Não por acaso, insistia-se: "Pedimos a todos os nossos colegas, com os quais permutamos, o favor de tornarem a nossa folha conhecida nas suas oficinas tipográficas, pelo que ficaremos sumamente gratos". Imprensa. Noticiário. RT, ano I, n. 5, p. 4, 07/04/1888.

<sup>31</sup> A seção foi publicada nos números 18 a 21, 23 e 24, 27, 30, 34, 37 e 38, 41 e 42.

<sup>32</sup> Publicado por oito números (31, 33 a 36, 38, 39 e 43), sob o título "Leis Sociais", sob justificativa de "pôr o tipógrafo americano a par da orientação social que preside os destinos dos seus confrades europeus. O trabalho que se via ler é traduzido pelo nosso colega e amigo Candido Costa". Regulamento. Noticiário, RT, ano I, n. 31, p. 4, 06/10/1888.

<sup>33</sup> MONET, L. A. Conselho aos impressores. Os rolos. RT, ano I, n. 39, p. 2-3, 08/12/1888 e RT, ano I, n. 40, p. 2-3, 15/12/1888.

<sup>34</sup> Ver: RT, ano 1, n. 7, p. 3-4, 21/04/1888, RT, ano 1, n. 13, p. 3-4, 02/06/1888 e RT, ano 1, n. 17, p. 2-3, 30/06/1888.

<sup>35</sup> Caracteres tipográficos em madeira galvanizada. RT, ano I, n. 38, p. 2-3, 01/12/1888.

<sup>36</sup> Um novo processo auto estereotípico. RT, ano I, n. 42, p. 3-4, 29/12/1888.

por duas séries de artigos, identificadas como colaboração. A primeira, dizia respeito às origens e importância da "arte divina" da tipografia, alçada a divisor de águas entre o mundo antigo e o moderno, invenção emancipadora dos povos e que, na sua perspectiva, mudou os rumos da história humana. O texto ancorava-se na aproximação entre as figuras de Jesus Cristo e Gutenberg.<sup>37</sup> O corolário era a sacralização das oficinas e a exaltação da figura do tipógrafo, responsável por mover as engrenagens que fizeram avançar o conhecimento e o progresso, em contraposição às trevas que imperavam antes da imprensa.<sup>38</sup> Bem mais longa, mas seguindo no mesmo diapasão, a segunda série retomou com mais vagar a invenção dos tipos móveis e seus impactos e, sem se limitar ao passado, discutiu o papel do jornal e do livro, o que deu ao autor a chance de expressar suas preocupações quanto aos rumos do jornalismo e o declínio da leitura, sem economizar nas referências eruditas.<sup>39</sup>

Esse ponto, aliás, merece destaque, por ser uma marca distintiva da publicação e não apenas uma idiossincrasia de Ladislau. Eram corriqueiras as alusões a acontecimentos, datas e personagens históricos, especialmente da Antiguidade, as citações em língua estrangeira, os provérbios e termos em latim, as passagens bíblicas e as menções a escritores, filósofos, artistas e às recentes descobertas científicas, disseminadas ao longo de textos dos mais diversos gêneros, a atestar que a cultura e o conhecimento dos auto intitulados "seguidores" ou "filhos de Gutenberg" estava longe de cindir-se aos aspectos técnicos da profissão.

Esses, por seu turno, tampouco foram esquecidos. A série enfiada sob o título "Fragmentos" (22

ocorrências), vinha estampada logo após o editorial e, na ausência desse, no espaço que lhe era reservado, em uma clara indicação de que a iniciativa era de responsabilidade da redação, tanto que os textos não eram assinados. Graças às informações presentes nos editoriais e em "Noticiário", sabe-se que seu autor era José Xavier Pires, tipógrafo da Imprensa Nacional. Os textos, especialmente preparados para a RT, acabaram por compor um verdadeiro manual, que se iniciou com breve história da imprensa entre nós e que continuou detalhando, passo a passo, o trabalho nas oficinas tipográficas: os tipos, a fundição, a construção do livro, o papel e os desafios da impressão, o uso das cores, a encadernação, as diferentes técnicas de produção e impressão de estampas, entre elas a fotogravura e a fototipia, segundo o autor ainda praticamente desconhecidas entre nós, situação que não era diversa da xilografia, tanto que Pires insistia na ausência de praticantes e na nossa dependência de material importado da Europa, o que explicaria a o insucesso de todas as empresas dedicadas à ilustração artística e, pode-se acrescentar, à busca de soluções no exterior, como no caso da *Ilustração*.

E não se tratava de uma opinião qualquer. Afinal, deve-se a Pires a litografia do edifício de *O País*, que ocupava uma página uma página inteira, publicada como suplemento ao número 20 (21/07/1888), e a descrição minuciosa do funcionamento do jornal.<sup>40</sup> Suas habilidades foram igualmente atestadas quando comunicou à RT que havia desenvolvido um "meio prático de subdividir toda e qualquer forma tipográfica em partes relativas a quantas cores se deseja empregar, constituindo por conseguinte a tiragem em cromo tipográfico", método utilizado

<sup>37</sup> A primeira série (n. 1 a 4), intitulava-se "A divina missão de Jesus e o glorioso invento Gutenberg". A comparação era frequente: "Cristo, por meio da palavra convincente, livrou a humanidade pecadora, mas deixou-a imersa na escuridão do tempo e sujeita ao suplício da ignorância dos bárbaros; Gutenberg, inventando a tipografia, difundiu a luz por toda a parte e constituiu-se o segundo libertador do homem". Johann G. Gutenberg de Sorgeloch. RT, ano I, n. 50, p. 1, 24/02/1889.

<sup>38</sup> Ver a efêmera seção não assinada "Letras e Artes" (n. 21, 22 e 24), que trouxe um estudo social da arte tipográfica, iniciado com a glorificação de Gutenberg, tomado como um novo messias cuja invenção fez estremeecer "o despotismo dos reis e a teocracia", e também da imprensa, alavanca do progresso e luz da civilização. A percepção em relação aos tipógrafos, a quem os reis da Alemanha concederam "regalias, privilégios e o brasão da nobreza [...], dedicados à primeira das artes e a mais importante", não poderia ser mais positiva: "O tipógrafo e o maestro, o pintor e o estatuário, o engenheiro e o arquiteto, serão sempre o grupo do belo e do útil, do progresso e do sublime". Respectivamente, RT, ano I, n. 21, 2, 28/07/1888, RT, ano I, n. 22, p. 3, 04/08/1888 e RT, ano I, n. 24, p. 3-4, 18/08/1888.

<sup>39</sup> O conjunto, intitulado "*Principios Históricos Teóricos Práticos da Arte Tipográfica*". Coligidos, coordenados e traduzidos por Júlio Ladislau", figurou em 16 números (27 a 32, 34 a 40, 42, 48 e 49). Há referências às obras francesas que o teriam inspirado, mas não se trata de tradução, pois o texto trouxe importantes referências ao Brasil e aos tipógrafos fluminenses. Em vista da interrupção da coleção no n. 51, não se pode afirmar se ela teve continuidade.

<sup>40</sup> No editorial lê-se: "Artista empreendedor e progressista, espírito culto, penetrante e investigador, José Xavier Pires não é somente um artista tipógrafo – é, embora não tenha recebido as indispensáveis lições de mestres, um gravador como atesta a fachada gravada do prédio do *País*, por ele desenhada e gravada na pedra". RT, ano I, n. 20, p. 1, 21/07/1888. Nesse mesmo número, p. 2-3, encontra-se o texto de Pires.

na estampa que abre o livro *A festa das crianças*, relativo à participação das escolas públicas na comemoração da Abolição, realizada no Teatro D Pedro II, em 10 de junho de 1888<sup>41</sup> (ver Figura 3).

**Figura 3** – Estampa cromo tipográfica na obra *A festa das crianças*



Estampa a nove cores, produzida segundo método de José Xavier Pires. Observa-se a menção cromo tipo à direita, na parte inferior.

**Fonte:** *A festa das crianças*. Comemoração da Lei de 13 de maio que aboliu a escravidão no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.<sup>42</sup>

Xavier também engrossava o coro dos que denunciavam a situação das oficinas no Brasil,<sup>43</sup> os baixos salários – “curvado sobre a caixa [tipográfica], trabalha continuamente, ganhando um salário insignificante” –, o maquinário obsoleto e gasto, a matéria prima de má qualidade, a falta de ensino técnico e as consequências dessa situação, patente na comparação com os produtos vindos da Europa, mas cuja responsabilidade não deveria ser creditada à incapacidade do tipógrafo nacional.<sup>44</sup> Finda essa sequência, nos números 49 e 50 (16 e 24/02/1889), o autor voltou-se para a história da imprensa, mas frente à interrupção da coleção não é possível saber o que foi publicado. Nos dois últimos números disponíveis, a revista abriu-se com a reprodução de artigos intitulados *Ensino Profissional*, do português e colaborador da *Tipografia Portuguesa*, A. Serafim da Silva, a atestar a continua preocupação da revista com o tema.<sup>45</sup> Compreende-se que João Henriques de Lima Barreto, responsável pela tradução e adaptação da obra de Jules Claye, *Manual do aprendiz compositor*,<sup>46</sup> fosse saudado em diversas oportunidades nas páginas da RT. O livro deu origem a extenso comentário de Dias da Silva Júnior, que, contudo, nem mesmo se ateuve à descrição do volume, limitando-se às referências genéricas acerca de sua importância para ensinar ao aprendiz “as noções do belo, da harmonia e da estética, tão necessárias e das quais dependem a perfeição e o levantamento dessa mesma arte”, recaindo a ênfase na história da imprensa em terras brasileiras, esta sim analisada pelo autor com riqueza de detalhes, o que evidenciava sua competência na temática.<sup>47</sup>

Vê-se que a RT oportunizava a colaboradores

<sup>41</sup> Para detalhes ver a carta, datada de 14/08/1888: PIRES, José Xavier. RT, ano I, n. 24, p. 1-2, 18/08/1888.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7532>. Acesso em: 4 mar. 2019.

<sup>43</sup> No mesmo sentido, ver a série (n. 18, 20 e 21, 23, 28 e 29) escrita por Francisco Martins Pereira, intitulada “Cogitações. O tipógrafo e a arte na atualidade”, que também insistia na necessidade de recuperar a dignidade da classe, menosprezada e explorada por proprietários gananciosos, que nada entendiam da arte, o que tornava urgente a difusão de suas regras e princípios por meio da fundação de escolas tipográficas.

<sup>44</sup> “Concluindo diremos que, para executar-se um primor de arte, não bastam o talento e a educação do operário, é preciso também por ao seu alcance bom material e utensílios modernos, e só depois de entregar-lhes estes elementos, poderemos então negar as aptidões dos artistas nacionais que, sem os possuir, têm executado com grandes sacrifícios trabalhos que, não igualando aos da Europa, merecem contudo elogios pela harmonia e bom gosto. Os estabelecimentos gráficos no Brasil, excetuando-se poucos montados recentemente [...], fazem uso de máquinas velhas que já trabalharam consecutivamente vinte e trinta anos, e já foram quase em seu todo reformadas. Não podendo elas dar um trabalho igual aos aparelhos modernos, constantemente aperfeiçoados por novos inventos”. Os trabalhos gráficos estrangeiros e nacionais. Fragmentos. RI, ano I, n. 48, p. 2, 09/02/1889. Citação no texto em: Fragmentos. RT, ano I, n. 6, p. 1, 14/04/1888.

<sup>45</sup> Na RT, há vários artigos de A. Serafim da Silva, reproduzidos da *Tipografia Portuguesa*, além de colaborações originais, especialmente escritas para o periódico brasileiro.

<sup>46</sup> O livro foi publicado em 1888 pela Imprensa Nacional. Há uma nova edição, que contém paratextos sobre o autor e o tradutor (CLAYE, 2019).

<sup>47</sup> O texto de Dias foi publicado nos números 24 a 27, sob a rubrica “Bibliografia”. Para a citação, ver: SILVA JÚNIOR, Dias da. *Manual do aprendiz compositor*. Bibliografia. RT, ano I, n. 25, p. 2, 25/08/1888. Vê-se que a rubrica bibliografia foi usada em duas oportunidades, mas com sentido diverso.

e responsáveis exercitar suas habilidades intelectuais, exibir seus conhecimentos e versatilidade no manejo da língua, o que estava em consonância com a percepção de que suas ambições deveriam ir além do mundo das oficinas, como se lê em um editorial não assinado, mas que escrito por França: "A arte tipográfica foi o astro criador da grandeza universal, e nós, os cultores da divinizada invenção, não podemos e nem devemos circunscrever a nossa aspiração e limitar o nosso horizonte social aos quatro cantos da caixa de trabalho, transformados em seres insensíveis".<sup>48</sup> À condição de trabalhadores especializados e cultos, somava-se a retidão de caráter, aspectos ressaltados na seção "Galeria Artística, Perfis Tipográficos", sob responsabilidade de Guilherme Vasques, presente em sete oportunidades e que homenageava tipógrafos ilustres da Corte.<sup>49</sup> A nobreza da profissão, responsável por espalhar a civilização, era constantemente exaltada: "Os filhos de Gutenberg/ São verbos da redenção,/ Seu labor – divino orvalho/ Redime pela instrução".<sup>50</sup>

Assim, não surpreende que entre as colaborações ganhassem relevo as literárias, com poemas (19, assinados por 11 autores), presença bem mais marcante que os textos em prosa – apenas dois contos, um deles publicados ao longo de três números, ao pé da página, no consagrado formato folhetim. Os tipógrafos expressavam seus sentimentos e evocavam a bem-amada e as (des) ilusões da paixão, o espetáculo da natureza ou pequenos detalhes do cotidiano, afastando-se, porém, do engajamento político e da crítica social, exceção feita a dois poemas dedicados à Abolição e outro que exortava a união em torno da RT.<sup>51</sup>

A representação positiva da profissão não estava, porém, livre de ambiguidades, como denunciava a própria revista ao referir-se às extenuantes condições de trabalho, aos baixos salários e às divergências no interior da classe.

## Tomando posições

O editorial de fundação é explícito quanto aos objetivos da RT: "defesa dos interesses coletivos da classe, [...] fiel observadora dos interesses das artes, lutando sempre pelo progresso, boa marcha e engrandecimento daquela de que ora se faz órgão", e cujas páginas "serão o eco denunciador das injustiças praticadas contra os obscuros continuadores da obra imorredoura do nunca esquecido filho de Mainz".<sup>52</sup> A luta em prol do fim da escravidão foi uma das bandeiras desde logo empunhadas pela publicação, lançada em março de 1888, quando o tema galvanizava todas as atenções. E os tipógrafos fluminenses, ainda antes do lançamento da RT, por meio da Imperial Associação Tipográfica Fluminense e de outra entidade por ela fundada, o Clube Abolicionista Gutenberg, já militavam pela causa.<sup>53</sup>

Até o 13 de maio, a revista aplaudiu figuras como José do Patrocínio e Lopes Trovão, noticiou as atividades da Tipográfica Fluminense, do Clube Gutenberg e da Confederação Abolicionista em defesa da liberdade, festejou o 25 de março de 1884 e saudou os tipógrafos cearenses por se negarem a compor anúncios de escravos fugidos, além de denunciar perseguições policiais aos escravos. Os números 11 e 12 (19 e 26/05/1888) reservaram largo espaço para os festejos realizados em 20 de maio, com destaque para a participação da classe no préstito da imprensa, descrito em detalhes. A publicação não deixou de assinalar os efeitos do fim do regime sobre o ânimo dos tipógrafos, que organizaram, a 3 de junho, uma nova agremiação, o sintomaticamente denominado Centro Tipográfico 13 de Maio (CT), que teve como porta-voz a RT. Na nota que convocou os interessados para a reunião de fundação, lia-se:

Com a extinção da execranda escravidão passou o período mórbido; tudo vai entrar em ação; todas as moléculas da sociedade se agitam, e nós, tipógrafos, que no momento atual parece

<sup>48</sup> RT, ano I, n. 20, p. 1, 21/07/1888, grifo do autor.

<sup>49</sup> A seção foi publicada nos números 22 a 26 e 28 e 29. Entre os homenageados estavam Júlio Ladislau e Xavier Pires.

<sup>50</sup> SILVA JÚNIOR, Dias da. *Manual do aprendiz compositor*. Bibliografia. RT, ano I, n. 25, p. 2, 25/08/1888.

<sup>51</sup> Até o número 23 (11/08/1888) foram estampados poemas, ainda que estes não estivessem presentes em todos os exemplares. Em relação aos contos, há um no n. 28 (15/09/1888), de Luiz Pacífico das Neves, e outro, publicado em três partes (números 39 a 41), de Dias da Silva Júnior.

<sup>52</sup> RT, ano I, n. 1, p. 1, 17/03/1888.

<sup>53</sup> Sobre o Clube, que editou o jornal *Lincoln*, do qual se conhece um exemplar, ver (Costa, p. 91-98). Finda a escravidão, a entidade alterou seus objetivos, consultar: Clube Gutemberg. Noticiário. RT, ano I, n. 20, p. 6, 21/07/1888.

circular-nos nas veias um sangue mais novo e mais puro, precisamos retemperar-nos para, com mais vigor, lutar pela existência. O Centro Tipográfico não causará espanto a ninguém porque será a coisa mais natural deste mundo; ele será a imitação do que faz no Velho Mundo o operário europeu, que congrega-se e discute à luz do dia nos comícios populares seus direitos, não somente os sociais como até os políticos".<sup>54</sup>

A RT permite acompanhar de perto desde a proposta de constituição da entidade, passando pelo seu processo de organização, a redação dos estatutos e do regulamento interno, as eleições de diretorias e conselhos, a lista dos sócios, o conteúdo de atas, as atividades e as lutas travadas, fosse a partir das notas publicadas no interior da seção "Noticiário" ou fora dela, sob a rubrica "CT", por vezes acompanhada da especificação "parte oficial", a indicar que se tratava de documentação produzida pela agremiação.<sup>55</sup> Os dois últimos exemplares conservados, por sua vez, nada trouxeram sobre o CT, o que sugere que, em algum momento, deve ter ocorrido o afastamento entre a revista e a agremiação, o que talvez tenha se dado frente ao crescente engajamento de França e Silva em prol da organização de um partido operário.<sup>56</sup> De toda forma, quando da fundação, apostava-se na união da classe em torno do CT, sob o argumentos que, mais uma vez, remetiam para a ilustração dos colegas de profissão:

Nós, tipógrafos, homens talhados para o progresso, vivendo em um século chamado das luzes, vendo o homem fazer cair a água sobre a terra, rasgando as nuvens por meio da dinamite; que o vemos percorrer o espaço,

passando em balões, tão tranquilo e calmo como as aves voltando no ar; que em poucas horas ou minutos nos comunicamos uns com os outros, fazendo, por meio do fio elétrico, atravessarem o oceano e irem, com a rapidez do pensamento, a incomensuráveis distâncias as manifestações dos nossos sentimentos – não temos razões para duvidar que o CT seja, em um futuro bem próximo, um elemento de progresso para o país e uma instituição que realce a classe tipográfica brasileira. O único embaraço que pode enfrentar o Centro é a má vontade dos nosso colegas de arte, mas fazemos justiça de não acreditar nessa má vontade, porque se assim fosse, poderíamos tachá-los de inimigos do progresso e refratários às leis que impulsionam os povos para as nobres conquistas das ideais grandes e generosas.<sup>57</sup>

E, de fato, os dados mostram que o CT contou com significativa adesão, como se observa nas longas listas de sócios, nas cartas e declarações de apoio, felicitações e adesões de entidades de tipógrafos de diferentes províncias, nas reproduções de excertos de periódicos, que congratulavam a recém fundada entidade, o que não significa, porém, harmonia completa, como revelam os constantes apelos contra o indiferentismo da classe e à união, maior desafio do ponto de vista interno.<sup>58</sup> Os problemas coletivos a enfrentar, por seu turno, eram os mesmos já registrados nas páginas da RT: reclamações contra os paginadores, mais visados do que os proprietários, o que talvez se explique pelo fato deles chefiarem as oficinas, responderem pela contratação/demissão, imporem o ritmo diário de serviço e estipularem o seu preço,<sup>59</sup> ao que se somavam denúncias de perseguições

<sup>54</sup> Centro Tipográfico. RT, ano I, n. 13, p. 3, 02/06/1888. No mesmo sentido: "Depois de 13 de Maio, depois que o servilismo imergiu-se com a escravidão, todas as partículas da sociedade retemperaram-se; e a classe tipográfica assim também o entendeu procurando agir para, sem prejuízo de terceiros, reivindicar seus direitos". CT 13 de maio. RT, ano I, n. 34, p. 4, 27/10/1888. O clima reinante está expresso no título da notícia sobre a fundação de uma agremiação Musical Beneficente entre os empregados da Casa Laemmer: Ebulição tipográfica. Noticiário. RT, ano I, n. 14, p. 4, 09/06/1888.

<sup>55</sup> A despeito de declarar-se porta-voz do CT, a RT manteve sua independência, conforme se esclarece em *A Revista* e o Centro. RT, ano I, n. 27, p. 1-2, 08/09/1888.

<sup>56</sup> Nos dois últimos exemplares, há um debate entre o secretário do CT, Elpidio de Castro, e França e Silva a respeito do novo regime, pelo qual o último não demonstrava particular apreço. Ver: A nova forma de governo. RT, ano II, n. 76, p. 207-211, 16/12/1889 e Uma tese em discussão. RT, n. 78, ano II, p. 223-224, 10/02/1890.

<sup>57</sup> Centro Tipográfico 13 de maio. RT, ano I, n. 16, p. 2-3, 23/06/1888.

<sup>58</sup> "Se algumas vezes temos sido um pouco veementes na linguagem que empregamos, com referência aos que nos intrigam e procuram minas a nossa vida, é em represaria às calúnias, recurso indigno de que muitas vezes lança mão para nos vencer o catonismo falso dos falsos apóstolos da falange sagrada, tradicional continuadora das glórias inimitáveis de João Gutenberg [...] Um pequenito grupo que ainda não está aliado do Centro e que temos esperança de vê-lo em breve colaborar conosco". CT 13 de maio. RT, ano I, n. 38, p. 1-2, 01/12/1888. Queixa idêntica em relação à RT, que conclamava os "filhos de Gutenberg" a cercar fileiras em torno da revista: Mais um fato para confirmação de outros. RT, ano I, n. 7, p. 2, 21/04/1888.

<sup>59</sup> Veja-se, à título de exemplo, as queixas contra o paginador de *A Época*, que motivaram as seguintes ponderações em texto de natureza editorial: "Um estabelecimento tipográfico deve ter um pessoal digno, que jamais desonre a casa; para isto conseguir-se, porém, é preciso ter um paginador criterioso, respeitável, grave e circunspecto, que respeite a corporação e faça-se respeitar por ela e não seja um *Badameco* ou *Zé Códas* qualquer, que se jogue à cadeira de paginação para dirigir um grupo de homens [...]. Aconselhamos aos nossos companheiros aí empregados que, enquanto não acharem coisa melhor, sujeitem-se ao *sic volo, sic jubeo* do seu paginador, humildes e submissos, ante a magnificência do esplendoroso trono de Sua Majestade El-Rei *D. Severo I* da *Época*. Ao digno gerente da *Época*. RT, ano I, n. 6, p. 2, 14/04/1888, grifos no original.

peçoais, queixas acerca dos baixos salários<sup>60</sup> e das extensas jornadas.<sup>61</sup>

O controle do mercado de trabalho, por sua vez, era outro ponto importante, expresso na questão dos aprendizes, tema que ocupou o centro da cena frente à proposta do presidente da Câmara Municipal da Corte de instituir, em escolas públicas, o ensino profissional para gravadores, tipógrafos e encadernadores. Imediatamente a RT e o CT mobilizaram-se e apresentaram um rol de argumentos contrários à medida, tomando o cuidado de explicar que não eram movidos por interesses corporativos ou monopolistas, mas pela dura realidade das oficinas, que já contavam com excesso de aprendizes e falta de postos de trabalho. Assim, a suposta vantagem do projeto, qual seja, facilitar ao operário encontrar ocupação, teria efeito oposto, com a diminuição dos salários frente à abundância de mão de obra, ainda mais porque,

Nem sequer há a esperança de desenvolver-se a indústria gráfica entre nós. [...] não há capital do mundo que tenha tão limitado número de folhas diárias como a nossa, e as casas industriais gráficas são relativamente em número limitado, havendo até industriais, como o Sr. Garnier, que deixando de dar dinheiro a ganhar aos habitantes do país, onde vive e no qual tem feito fortuna, manda imprimir parte de suas obras no França.<sup>62</sup>

A revista transcreveu artigo da *Tipografia Portuguesa*, que também combatia a proliferação de aprendizes naquele país, enquanto o CT nomeou uma comissão para solicitar à Câmara que revisse o projeto, mobilização que surtiu efeito, com a retirada da proposta da parte relativa às artes gráficas.<sup>63</sup> O tema, que estava longe de ser uma questão local, voltou à baila em mais de uma

oportunidade.<sup>64</sup> Por vezes, a ênfase recaía não nos aprendizes, mas nos paginadores, que ofereciam empregos mediante pagas insignificantes, e nos colegas que se sujeitavam: "É devido à ambição e ao egoísmo [...] que a remuneração pelo trabalho tipográfico tem baixado sensivelmente a ponto de se nos confundirem com os cidadãos nascidos no agreste, sem nenhuma educação instrutiva, afeitos desde o berço às intempéries do trabalho rural".<sup>65</sup>

Fica explícita a tensão entre o esforço de construir uma identidade ancorada na nobilitação do tipógrafo, tido como responsável por tornar conhecidas as grandes descobertas e os grandes feitos da humanidade – expressa na pergunta retórica: "o que seria delas, quem colheria seus belos frutos, si a mão do tipógrafo não as franqueasse aos olhares do universo?! Si não fora ele – o tipógrafo – o que seria dos grandes talentos?!"<sup>66</sup> – e o duro cotidiano nas oficinas, que mal rendia para a sobrevivência e tampouco assegurava o almejado reconhecimento social.<sup>67</sup> É sintomático que se cobrasse da RT ações que alterassem as condições materiais da classe, o que obrigou França, em texto editorial, a explicitar sua concepção do papel da imprensa. Retomou a cantilena que atribuía à invenção de Gutenberg "todos os progressos e todos os melhoramentos", para emendar que imprensa "não principia sua missão influenciando materialmente, mas pelas doutrinas e ensinamentos que prega prepara a ação moral e promove o agrupamento e a coesão das ideias", pré-requisito para a obtenção das transformações. E exemplificava com o 13 de maio: "A quem deve o Brasil a abolição da escravatura senão à longa propaganda da imprensa?"<sup>68</sup> Se

<sup>60</sup> "Desde há muito recebemos reclamações de vários tipógrafos, empregados no *Diário Oficial*, contra a maneira por que ali é dirigido o trabalho [...]. O trabalho principia às 5 horas da tarde para o pessoal efetivo da casa; e os suplentes extraordinários apresentando-se à mesma hora, esperam alguns, quase todos os dias, até as 7 horas da noite, quando recebem a decisão de serem ou não ocupados [...]. Impondo-se a um suplente tais condições, sujeita-se um artista a humilhações e à obrigação de fazer em poucas horas um número de linhas que outros fazem mais folgadoamente em maior espaço de tempo. *Diário Oficial*. Noticiário. RT, ano I, n. 16, p. 3, 23/06/1888. Sobre os salários ver os dados apresentados em: Ainda as folhas da tarde. RT, ano I, n. 6, p. 2-3, 14/04/1888 e

<sup>61</sup> Ver: O trabalho noturno nas folhas matutinas. RT, ano I, n. 9, p. 2-305/05/1888.

<sup>62</sup> O ensino profissional. RT, ano I, n. 30, p. 3, 29/11/1889.

<sup>63</sup> Ver, respectivamente, A invasão dos aprendizes. RT, ano I, n. 32, p. 1-3, 13/10/1888, editorial no interior do qual se reproduz o artigo de A. Serafim da Silva e no mesmo número, nota da redação, "À última hora", p. 6.

<sup>64</sup> Ver: Ainda a aprendizagem. RT, ano I, n. 41, p. 1-3, 22/12/1888, editorial que se refere à situação na Alemanha e na Argentina e no interior do qual se reproduz artigo de A. Serafim da Silva, além de colaboração: A Associação. RT, ano I, n. 44, p. 1-2, 12/01/1889.

<sup>65</sup> Os paginadores. Res non verba. RT, ano I, n. 5, p. 2, 07/04/1888.

<sup>66</sup> PEREIRA, Francisco Martins. Cogitações. O tipógrafo e a arte na atualidade. RT, ano I, n. 23, p. 5, 11/08/1888.

<sup>67</sup> Ver as instigantes considerações, relativas a periódico anterior, mas válidas para os anos 1880 (VITORINO, 2004, p. 167-203).

<sup>68</sup> Honroso julgamento. RT, ano I, n. 33, p. 2, 20/10/1888.

não tinha meios para alterar o quadro vigente, a RT não se furtou a propor medidas: "convênio prévio entre patrão e operário; uniformidade no preço das tarifas ou mão de obra e lealdade e harmonia entre *todos* que executam o trabalho".<sup>69</sup>

O CT, por sua vez, assumia a tarefa de defender os interesses imediatos<sup>70</sup> e, a julgar pelos dados da revista, não só pouco após a fundação ultrapassou a casa dos mil aderentes como tinha representantes em quase todos os estabelecimentos gráficos da Corte, cujos nomes eram estampados na RT, o que levou a diretoria da entidade aventar a hipótese de realizar o recenseamento de todo o pessoal gráfico, tarefa tida como "fácilima".<sup>71</sup> Além da ação no caso da proposta da Câmara sobre os aprendizes, a mobilização do CT foi intensa no caso do *Diário de Notícias*. A RT noticiou, em agosto de 1888, a tentativa do proprietário, o médico e político cearense, Paulino Franklin do Amaral (1835-1892), Barão de Canindé, de diminuir os salários, o que contou com resoluta oposição do paginador Gaspar de Souza, membro do Centro.<sup>72</sup>

As desavenças aumentaram quando se soube que o Barão afirmara que "comprava tipógrafos",<sup>73</sup> o que causou indignação generalizada, sem que o acusado atendesse aos insistentes pedidos de retratação. O resultado foi o boicote dos compositores e o pedido de demissão do paginador, o que comprometeu a edição da folha e expressou a força do CT,<sup>74</sup> capaz de sustentar o boicote – "contando-se nada menos que 1500 tipógrafos no Rio de Janeiro, S. Ex. não encontrava 22 homens para trabalhar em sua oficina".<sup>75</sup> O episódio permite

acompanhar a mobilização do CT, que expulsou de seus quadros os indivíduos que largaram emprego fixo e se dispuseram a trabalhar no *Diário*, os denominados sarracenos, termo apropriado dos tipógrafos franceses, que assim identificavam os traidores, além de sustentarem intensa campanha para que eles não fossem admitidos em oficinas administradas por membros do Centro.

As páginas da RT registraram as muitas manifestações de apoio e congratulação à entidade<sup>76</sup> e, inclusive, reproduzem a cena da revista *Dona Sebastiana* (1889), de Moreira Sampaio e Artur Azevedo, que alcançou grande sucesso e na qual se fazia referência à tentativa de se encontrar tipógrafos no albergue noturno e no asilo de mendigos para trabalhar no *Diário de Notícias*.<sup>77</sup> O Barão procurou auxílio do chefe da polícia, sob o argumento de que sua propriedade estava em risco, enquanto Afonso Celso apresentou requerimento à Câmara dos Deputados solicitando explicações sobre as ações da polícia contra o CT, "cujos membros por fato algum se tornaram suspeitos às autoridades".<sup>78</sup> O certo é que o Barão de Canindé, pelo menos oficialmente, teve que se afastar do periódico, cuja venda foi denunciada como fraudulenta na RT.<sup>79</sup>

### Considerações finais

A RT constitui-se em fonte importante para compreender as lutas travadas pelos tipógrafos, fosse em prol da Abolição ou das questões relativas à organização, aos salários e às condições de trabalho vigentes, ou seja, a

<sup>69</sup> A organização do trabalho. RT, ano I, n. 46, p. 2, 26/01/1889, grifo no original.

<sup>70</sup> Ainda que a RT informe sobre o processo de elaboração dos estatutos e do regulamento do CT, estes não foram reproduzidos em suas páginas. Comunicou-se em Leis Sociais. Noticiário. RT, ano I, n. 46, p. 2, 26/01/1889, que os mesmos estavam à disposição dos associados na sede social.

<sup>71</sup> Estatística. Noticiário. RT, ano I, n. 22, p. 4, 04/08/1888, sem que se tenha notícia se a proposta foi efetivada.

<sup>72</sup> *Diário de Notícias*. RT, ano I, n. 22, p. 2, 04/08/1888.

<sup>73</sup> Para detalhes, ver: As ocorrências do *Diário de Notícias*. RT, ano I, n. 34, p. 2, 27/10/1888.

<sup>74</sup> "A agitação, que ora se opera em virtude do insólito procedimento do proprietário do *Diário de Notícias* para com a ex-corporação daquela folha, é demonstração cabal que a classe tipográfica fluminense vai estabelecendo as bases da sua confraternização e união". A nossa atitude. RT, ano I, n. 34, p. 3, 27/10/1888, indício da força da mobilização.

<sup>75</sup> Os dois sarracenos. RT, ano I, n. 47, p. 3, 02/02/1889, no qual se passa em revista os principais lances da contenda.

<sup>76</sup> Ver trecho publicado em *Garatuja* (Resende, RJ): "Pois sim! Estou daqui batendo palmas ao *Centro Tipográfico* pela atitude enérgica e brilhante, assumida pelos seus fundadores, na malfadada questão do *Diário* [...]. Era preciso que, depois da libertação dos escravos pretos, viesse a libertação dos tipógrafos, e essa conseguiram-na eles brilhantemente pelos seus esforços coma fundação do *Centro*, e escudados pela *Revista Tipográfica*". A questão do *Diário*. Noticiário. RT, ano I, n. 35, p. 5, 07/11/1888.

<sup>77</sup> Comentários improcedentes. Noticiário. RT, ano I, n. 47, p. 6, 02/02/1889.

<sup>78</sup> Ver, respectivamente: Episódios da greve. Noticiário. RT, ano I, n. 34, p. 5, 27/10/1888 e Câmara dos Srs. Deputados. Noticiário. RT, ano I, n. 35, p. 5, 07/11/1888.

<sup>79</sup> O *Diário de Notícias*. Noticiário. RT, ano I, n. 47, p. 7, 02/02/1889.

publicação permite acompanhar os esforços para a construção da identidade de tipógrafo, em um momento chave de formação do mercado livre de trabalho. É digno de nota que França e Silva, que sempre esteve à frente da revista e participou do CT, fundado pelos “filhos de Gutenberg”, tenha se colocado, posteriormente, ao lado dos que defendiam não uma categoria, mas a classe, unida em torno de um partido operário.

Igualmente notória era a preocupação da revista em difundir conhecimentos técnicos, o que aponta para o zelo diante do exercício profissional, próprio de um saber especializado e que pressupunha indivíduos que dominassem mais do que simples rudimentos do ofício e fossem aptos a desempenhá-lo com apuro e arte, enquanto dignos continuadores do inventor da imprensa. As páginas da revista deixam patente as dificuldades enfrentadas nesse âmbito, tanto que eram frequentes as informações históricas e as relativas aos procedimentos cotidianos, tratados em artigos e séries, indício de que estavam longe de serem do conhecimento dos leitores. As dificuldades e limitações em relação à produção de estampas, tal como demandado pelas revistas ilustradas que tinham em vista as atualidades, em um registro muito diverso das humorísticas que dominaram a cena durante o Segundo Império, foram registradas em várias oportunidades, o que tornava ainda mais relevante feitos como os alcançados por Xavier Pires.

As possibilidades técnicas vigentes ajudam a compreender as dificuldades de produção, em âmbito local, de material iconográfico, o que explica a dependência da importação de clichês ou a opção de fazer a impressão diretamente no exterior, como foi o caso da revista *A Ilustração*. Esse contexto foi profundamente alterado quando a reprodução direta da fotografia, ou seja, sem necessidade de transposição para outro suporte, tornou-se realidade, o que ocorreu somente em fins do século XIX. Abriu-se, então, uma era de ouro para as chamadas revistas mundanas, que puderam povoar suas páginas com instantâneos da vida local. A RT, ao fornecer pistas sobre como se efetivava o trabalho nas oficinas, contribui para a reflexão

sobre as opções em termos da materialidade dos impressos periódicos, aspecto que, no mais das vezes, não vai além de sumária descrição.

## Referências

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. *Anais da imprensa da Bahia. 1º Centenário, 1811-1911*. Salvador: Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, 2007.

CLAYE, Jules. *Manual do aprendiz compositor*. 2.ª ed. São Paulo: Com-Arte, 2017.

COSTA, Rafael Maul de Carvalho. *Escravidados na liberdade: abolição, classe e cidadania na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Prefeitura do RJ: Casa Civil: Arquivo Geral da Cidade, 2014.

FONSECA, Vitor Manoel Marques. *No gozo dos direitos civis. Associativismo no Rio de Janeiro (1903-1916)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FREITAS, Afonso Antônio de. A imprensa periódica de São Paulo, desde os seus primórdios em 1823 até 1914. *Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 19, p. 321-1136, 1914.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson (org.). *O trabalhador gráfico. Edição fac-símile*. Fortaleza: Editora da UFC, 2002.

GUIMARÃES, Joaquim da Silva Mello. *Instituições de Previdência fundadas no Rio de Janeiro. Apontamentos históricos e dados estatísticos. Coligidos e coordenados para serem presentes à primeira sessão quinquenal do Congresso Científico Internacional das Instituições de Previdência efetuada em Paris em Julho de 1878*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil, 1870-1970*. Brasília: UnB, 1993.

MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Cláudio. *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil, séculos XIX e XX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PANSARDI, Marcos Vinícius. O movimento operário e a república. *Estudos de sociologia*, Araraquara, SP, v. 5, p. 87-99, 1998

PORTA, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.

VITORINO, Artur José Renda. Escravidão, proletários e a greve dos compositores tipógrafos de 1858 no Rio de Janeiro. *Cadernos AEL*, Campinas-SP, v. 6, n. 10-11, p. 71-106, 1999.

VITORINO, Artur José Renda. *Máquinas e operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico. São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1922*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

VITORINO, Artur José Renda. Os sonhos dos tipógrafos na corte imperial. BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade do operariado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 167-203.



---

## Tania Regina de Luca

Livre-Docente em História do Brasil pela Universidade Estadual Paulista (Unesp, Assis, SP, Brasil), professora da mesma universidade. Pesquisadora Produtividade do CNPq. Desenvolve pesquisas na área de História da Imprensa, tema sobre o qual publicou vários livros e artigos em revistas especializadas.

---

## Endereço para correspondência

Tania Regina de Luca

Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

Av. Dom Antonio, 2100

Parque Universitário, 19806-900.

Assis, SP, Brasil